

GABARITO DE SOCIOLOGIA FRENTE 1

Módulo 25

1. A

Por movimentos sociais entende – se uma ação ou agitação concentrada heterogênea, com algum grau de continuidade, e de um grupo que, plena ou vagamente organizado, está unido por aspirações mais ou menos concretas, segue um plano traçado e orienta-se para uma mudança das formas ou instituições da sociedade existente (ou um contra-ataque em defesa dessas instituições).

2. C

Na sociologia há uma certa convergência na definição dos elementos formais da cidadania como a articulação dos direitos civis, políticos e sociais, além dos deveres. O SUS faz parte do avanço dos direitos sociais no Brasil. Os *direitos sociais* respondem às necessidades humanas básicas, assegurando o direito a um bem-estar econômico mínimo. Relacionam-se principalmente com o direito a salário, saúde, educação, habitação e alimentação.

3. A

A divisão clássica dos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), elaborada por Montesquieu, no século XVIII, pressupõe uma equidade entre eles, o que caracteriza regimes democráticos, pois “apenas o poder freia o poder”. Caso não seja claro e evidente esse equilíbrio, estaríamos vivenciando regimes autoritários, os quais se caracterizam pela concentração, centralização do poder.

4. D

A cidadania formal é, conforme o direito internacional, indicativo de nacionalidade, de pertencimento a um Estado-Nação, por exemplo, uma pessoa portadora da cidadania brasileira. Em segundo lugar, na ciência política e sociologia o termo adquire sentido mais amplo, a cidadania substantiva é definida como a posse de direitos civis, políticos e sociais.

5. 23

No item **01** temos a definição de Estado dado por Karl Marx. O item **02** está em conformidade com as teorias de Max Weber. Já o item **04** encontra sua definição na consciência coletiva de Émile Durkheim. E no aspecto geral do tema, em conformidade com o item **16**, podemos definir Estado como uma nação politicamente organizada. Constituído, portanto, pelo povo, território e governo que engloba todas as pessoas dentro de um território delimitado - governo e governados.

6. B

Estado para Marx é produto das relações sociais de produção dominantes numa dada sociedade que alcançaram um certo estágio de desenvolvimento das torças produtivas. O Estado é um elemento importante da superestrutura política, ideológica e jurídica e, portanto, colabora na manutenção das relações de dominação vigentes. Sobretudo porque institucionaliza as desigualdades sociais.

Além disso, o Estado utiliza-se de seus aparelhos ideológicos para manter coesa a sociedade, criando ou disseminando falsas impressões acerca da realidade, como por exemplo, a de que governa em nome do bem comum.

7.

a) Federação é a organização política de um Estado Nacional admitindo a cada estado membro uma relativa autonomia para decisões legais, fiscais, etc. A autonomia é relativa pois os membros da federação se submetem, em última instância, ao poder central da União representado na Constituição Federal; um documento que é insuperável por qualquer deliberação estadual ou municipal. O Brasil e os EUA são exemplos ilustrativos de Estados Federativos. Cada estado brasileiro (MG, RS, AC, GO, etc.) tem liberdade para formular políticas específicas e cobrar alguns impostos. No caso estadunidense, a liberdade vai mais longe, e o estado pode ter sua própria legislação penal, imputando pena de morte ou não.

b) Como sabemos, o Senado Federal é uma das duas câmaras que compõe o Congresso Nacional. Com um número reduzido de parlamentares (81 ou 3 por estado) é tido como um espaço privilegiado que tem a função de representar cada unidade da Federação. Logo, cada estado membro terá no poder legislativo parlamentares teoricamente responsáveis por decidir por sua região.

8.

Maquiavel, ao contrário de seus antecessores, abriu mão de ler a política e a ação do governante de forma idealizadora. Na Grécia antiga, era comum o tratamento da temática a partir do reino do *deve ser*. Em outras palavras, se projetava um governante como um homem especial, repleto de virtudes como a sabedoria, o senso de justiça, a bondade e, fundamentalmente, o compromisso inabalável de realização do bem comum. Por seu turno, Maquiavel dessacraliza a política por romper com essa visão e trazer o debate para o reino do ser, constatando que o governante, como qualquer outro ser humano, carrega uma natureza ruim que o impele a buscar *Fortuna*. Para conquistar tal deusa, faz necessário que o Príncipe aja com virtú, isto é, coragem, astúcia e maleabilidade para tomar a atitude mais apropriada para determinada ocasião. Neste sentido, Maquiavel entende que o governante vive o império das circunstâncias, mantém-se a frente do governo se conseguir se ajustar às diferentes situações impostas. Logo, o governante usará da bondade ou da maldade sempre que for exigido pelo momento, sem se prender aos limites da moralidade. Por fim, as expressões maquiavélico e maquiavelismo, ao denotarem comportamentos imutavelmente maus, se chocam com as verdadeiras noções sobre a prática do governante definidas por Maquiavel.

9.

Sociedade civil é o lugar das lutas de clases onde se definem as propostas coletivas. Genericamente, costuma-se chamar de sociedade civil “tudo aquilo que sobra uma vez bem delimitado o âmbito no qual se exerce o poder estatal”.

De acordo com a visão de marxista, poderíamos chegar a dizer que “sociedade civil é o lugar onde surgem e se desenvolvem os conflitos econômicos, sociais, ideológicos, religiosos, que as instituições tem o dever de resolver através da mediação ou através da repressão.

10.

O mercado faz parte da sociedade civil o que não significa, necessariamente, ser sinônimo. Há na sociedade civil, outras esferas além do mercado. Faz parte da sociedade civil, por exemplo, os sindicatos, as empresas, as escolas, as igrejas, os clubes, os movimentos populares, as associações culturais.

Módulos 26 e 27

1. B

Cada realidade cultural tem sua própria lógica interna, que se for por nós ignorada ou desprezada, nos impede de percebermos o quanto fazem sentido as práticas, costumes, concepções, e valores cultivado cada sociedade em particular. Logo, a afirmação do nativo é lógica, pois é produto do sistema cultural ao qual ele pertence.

2. B

A cultura em hipótese alguma é uma manifestação congelada no tempo. Ela é pulsante, múltipla em constante transformação, por isso se apresenta como caráter social. Todas as sociedades são unidas pelo fato de seus membros serem organizados em relações sociais estruturadas, de acordo com sua cultura. Nenhuma cultura poderia existir sem sociedades. Mas, igualmente, nenhuma sociedade poderia existir sem cultura. Sem cultura, não seríamos sequer humanos, não teríamos línguas em que nos expressar, nenhuma noção de autoconsciência, e nossa habilidade de pensar ou raciocinar seria severamente limitada. Assim, tudo o que é puramente privado não faz parte da cultura.

3. 20

O único item equivocado é o 01. Nas sociedades tribais, em que não existe propriedade privada, as atividades produtivas (trabalho) não são vistas separadamente em relação às demais; não há distinção entre o esforço produtivo e descanso ou prazer. Daí a dificuldade de denominar tais atividades como trabalho.

4. 29

O único item sem sentido antropológico, sociológico e o item 02. É muito comum a concepção de cultura como um processo de humanização da natureza. Abundam exemplos de interferência de padrões culturais no plano biológico (a morte por banzo dos escravos africanos nas Américas, a morte de índios kaapor que acreditam ter visto fantasmas, a nossa fome ao meio-dia). Por isso, é importante o trabalho conjunto das várias ciências para se fazer uma análise do homem em sua totalidade.

5. A

Ruth Benedict (1887-1948) aluna e assistente de Franz Boas vai dizer que cultura não é simplesmente uma aglomeração de traços culturais, mas, uma maneira coerente de combiná-los. De certo modo, cada cultura oferece aos indivíduos um "esquema" inconsciente para a realização de todas as atividades humanas. Desde os primeiros instantes da vida, o indivíduo é impregnado deste modelo, por todo um sistema de estímulos e de proibições formulados explicitamente ou não. Isto o leva, quando adulto, a se conformar de maneira inconsciente com os princípios fundamentais da cultura. Este é o processo que os antropólogos chamaram de "ENCULTURAÇÃO". A estrutura da personalidade adulta, resultante da transmissão da cultura pela educação, será em princípio adaptado ao modelo desta cultura.

6. D

No entendimento do mundo que emergiu a partir do período medieval, sabe-se que o Homem é o ponto focal de Deus e da Natureza. Os três estavam sutilmente relacionados. O Homem só podia ter significado se considerado como uma centelha da Divindade, moldada pela Natureza. A Natureza só podia ter significado como evidência tangível de Deus em manifestação. E Deus só podia ter significado em função do Homem e da Natureza que Ele criara.

7.

O texto indica o fato de não ser mais possível ignorar que existem outras maneiras de viver e de pensar e que elas não são manifestações de "selvageria" ou "barbárie" são apenas hábitos culturais diferentes. Logo, as diferenças de hábitos, crenças, valores ou símbolos não constituem um critério válido para julgar as diferentes sociedades. Segundo a abordagem relativista, as culturas são tratadas como totalidades específicas, autônomas entre si, e, conseqüentemente, cada uma deve ser estudada em si mesma, na sua lógica interna própria. A análise da cultural foi capaz de evidenciar a relativa coerência de todos os sistemas culturais: cada um é uma expressão particular de uma humanidade única, mas tão autêntica quanto todas as outras expressões.

8.

A cultura aparece como resultado da ação transformadora exercida pelo homem sobre as condições naturais, superando a fixidez da natureza os homens tornaram-se livres pela cultura. Ainda que sob o aspecto estritamente biológico, a cultura condicionou o desenvolvimento físico-biológico humano, na medida em que a espécie humana só constituiu-se totalmente ao abandonar suas formas proto-humanas, influenciada e condicionada pela interação com o meio natural e da adequação do ambiente às suas necessidades. Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade, constituindo – portanto – atividade exclusivamente humana. Assim diz respeito a totalidade da vida social, não restringindo-se apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo se poderia dizer: a música, a dramaturgia, a poesia, etc. Não é apenas uma parte da vida social como por exemplo se poderia entender a religião, a política, a tradição. Não sendo portanto, divisível ou delimitada, a cultura diz respeito a vida social enquanto totalidade, sendo ainda, resultado de uma intrincada e conflituosa construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é um decorrência de leis físicas ou biológicas. Entenderemos CULTURA como o resultado da transformação da natureza pelo homem, envolvendo tanto os aspectos simbólicos/imateriais (regras morais, costumes, ideologia, artes, ciência, etc.) quanto os aspectos concretos/materiais (utensílios, ferramentas, instrumentos, técnicas, etc.). Contudo, todo objeto significativamente tocável (material) também

simboliza/significa, da mesma forma que os símbolos (imaterial) são também práticas sociais. Logo não há sentido em afirmar a existência de uma linguagem humana natural, posto que, a cultura não tem seu desenvolvimento ditado pela herança monogênica da humanidade, sendo ao contrário, marcada indelevelmente pela diversidade.

9.

A cultura não é resultado de apenas um homem, mas de todo um grupo, e por isso ela possui como característica a de ser social. Todas as sociedades são unidas pelo fato de que seus membros serem organizados em relações sociais estruturadas, de acordo com sua cultura. Nenhuma cultura poderia existir sem sociedades. Mas, igualmente, nenhuma sociedade poderia existir sem cultura. Sem cultura, não seríamos sequer humanos, não teríamos línguas em que nos expressar, nenhuma noção de autoconsciência e nossa habilidade de pensar ou raciocinar seria severamente limitada. Assim, tudo o que é puramente privado não faz parte da cultura.

10.

O crítico Umberto Eco faz uma distinção polêmica entre os autores dedicados ao estudo dos meios de comunicação em massa (Escola de Frankfurt e Marshall McLuhan). Segundo Eco, esses autores se dividem entre "apocalípticos" (aqueles que criticam a indústria cultural) e "integrados" (aqueles que elogiam os meios de comunicação de massa).

Theodor Adorno e Max Horkheimer perceberam que a indústria cultural leva os indivíduos não a uma revelação, mas sim à alienação. A indústria cultural não interessa apenas em suprir as necessidades das horas de lazer ou em dar informação aos seus telespectadores, ouvintes e leitores; segundo esses autores, ela funcionaria como um imenso instrumento composto por milhares de aparelhos de transmissão e difusão que visa produzir e reproduzir um clima conformista e dócil na multidão. Com tudo isso, a alienação aprofunda-se com a indústria cultural, já que esta

estandardiza e homogeniza os indivíduos nas sociedades capitalistas modernas.

Ao contrário de Adorno e Horkheimer, Marshall McLuhan, (integrados) via a atuação dos meios de comunicação de massa de maneira otimista e reveladora. De acordo com McLuhan a indústria cultural poderia aproximar os homens, diminuindo as distâncias não apenas territoriais como sociais, graças a seu potencial democratizador de acesso e fruição da obra de arte.

Módulos 28, 29 e 30

1. E

O texto evidencia o desespero de Davi, um yanomami, que retrata a violência patrocinada pela chamada "civilização branca" contra os povos indígenas do Brasil.

2. D

O principal obstáculo é o etnocentrismo um conceito antropológico, no qual o "eu" é superior ao "outro". Uma visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais. Essa avaliação é, por definição,

preconceituosa, feita a partir de um ponto de vista específico. Do ponto de vista intelectual, etnocentrismo é a dificuldade de pensar a diferença, de ver o mundo com os olhos dos outros.

3. D

A raça pode ser entendida como um conjunto de relações sociais que permitem classificar os indivíduos e os grupos de acordo com algumas características físicas, biológicas ou psicológicas socialmente relevantes. Assim, as distinções raciais representam mais do que formas de descrever as diferenças humanas — são também fatores importantes na reprodução de padrões de poder e de desigualdade dentro da sociedade tomada até como símbolo da posição social.

4. C

Fica claro com a tabela que a desigualdade de gênero refere-se às diferenças de status, de poder e prestígio, desfrutados pelas mulheres e pelos homens nos diversos contextos, demarcando, assim, rendimentos menores ao gênero feminino.

5. A

O Hip-Hop é uma manifestação artística da cultura negra e também como um movimento político que busca cidadania e uma vida melhor para os "excluídos".

Uma identidade Hip Hop é definida por vários elementos como demonstra o texto, um estilo musical configurado como um "trabalho coletivo", formado por DJs, MCs (cantores), grafiteiros e B boys (dançarinos de brake), que leva nas letras uma mensagem de igualdade e justiça.

6. D

O movimento feminista é um movimento social organizado estruturalmente nos anos 1960, que defende igualdade de direitos e status entre homens e mulheres em todos os campos. O artigo de Frei Betto, publicado em 2001, estabelece uma relação entre a convivência entre as diferenças, a aceitação do "outro".

7.

Processo de reprodução conscientemente camuflado do preconceito étnico no Brasil. Tal visão afirma que construímos um paraíso étnico, onde a miscigenação e o sincretismo possibilitaram a completa integração de negros e índios à "civilização brasileira". Provas dessa integração poderiam ser encontradas na igualdade jurídico/formal existente entre as diferentes etnias, na convivência pacífica e cordial entre as diferentes etnias, etc. Cumpre ressaltar, que essa leitura sincrética e positiva da mestiçagem, constitui o avesso da fábula negativa, igualmente nociva e deturpadora de uma profunda e verdadeira compreensão acerca da realidade social que marca a formação étnica do povo brasileiro. Transformando a negatividade do mestiço em positividade, permite a elaboração e justificação de um discurso de igualdade, inserção e reconhecimento, que sustenta-se - apesar da realidade desmenti-lo constantemente - sendo aprofundado e fortalecido por grandes eventos como carnaval, futebol ou festejos da mestiça beleza nacional. É assim, que o mestiço confunde-se com o nacional, sendo sua nova e mais

fiel tradução. Tal fábula positiva, ao permitir ao negro entender-se como nacional, leva-o a sentir-se incluído – ainda que apenas discursivamente. O mito da democracia racial não somente encobre os conflitos étnicos, como propõe uma fundação nacional idílica e ideológica, como se entre vencedores e vencidos, senhores e escravos houvesse sido estabelecida uma zona de intensa e constante confraternização, ainda que corrêsemos os riscos de afundarmos “metendo os pés em carne”. Tal mito sobrevive apenas como discurso, uma vez que a profunda desigualdade social que marcará negros e não-negros, brasileiros e nativos, impede a celebração na prática de uma democracia étnica.

8.

Por serem historicamente marginalizados, os negros no Brasil sofrem preconceito até os dias de hoje. O fato do trabalho do negro ter sido, desde os inícios da história econômica, essencial à manutenção do bem-estar das classes dominantes deu-lhe um papel central na gestação e perpetuação de uma ética conservadora e desigualitária. Os interesses cristalizados produziram convicções escravocratas arraigadas e mantêm estereótipos que ultrapassam os limites do simbólico e têm incidência sobre os demais aspectos das relações sociais. Por isso, talvez ironicamente, a ascensão, por menor que seja, dos negros na escala social sempre deu lugar a expressões veladas ou ostensivas de ressentimentos. O sistema de cotas para negros nas universidades, adotado pela primeira vez na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2001 é um debate recente e ainda gera polêmica e divide opiniões. Há vários argumentos contra e a favor, todos bastante sensatos. Tanta incerteza, no entanto, tem um ponto positivo: a reserva de vagas gera um debate importante sobre o racismo no Brasil, um país onde o preconceito existe, ainda que de forma velada.

9.

Tal afirmação é incorreta. O receio da resistência das etnias subjugadas apresentado no texto é atualizado na charge, sobretudo quando o personagem afirma a posição social reservada ao negro brasileiro. Depois da África, o Brasil é o país que concentra a maior população negra do mundo e também onde os negros permanecem ocupando a mais baixa localização na pirâmide social. O termo exclusão é o que mais fielmente traduz a condição em que se encontra os afro-descendentes no Brasil. Entretanto, muitas pessoas ainda vêem os problemas étnicos no Brasil como uma ameaça: uma ameaça ao seu emprego, à sua segurança e à “cultura nacional” fruto de um mito da democracia racial. O mito da democracia racial no Brasil é eficaz na medida em que nega o conflito existente entre o branco e o negro representado na charge.

10.

SIM. No Brasil presenciamos diversas formas de racismo, preconceito e discriminação, no decorrer da história, basicamente contra os negros. Elas se expressam nos índices estatísticos de escolaridade de jovens negros, que se apresentam inferiores aos brancos; no nível de renda, em que os negros recebem os menores salários na mesma profissão em relação aos brancos; nos bairros pobres onde moram, que são menos assistidos pelo Estado, ao contrário, por exemplo, de bairros luxuosos, onde moram predominantemente brancos, etc.